

Olhos do Mundo



O poder de fazer ver

A Fundação Olhos do Mundo dedica-se a devolver a visão a pessoas que, apenas porque não têm recursos financeiros, têm de viver privadas desse importante sentido.

De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde, 37 milhões de pessoas em todo o mundo são invisuais. A taxa é avassaladora: a cada cinco segundos, alguém perde a visão. A esmagadora maioria destas pessoas vive nas regiões mais pobres do planeta. Apesar de os números não serem minimamente animadores, a verdade é que oitenta por cento dos casos de cegueira têm cura e podem ser prevenidos de forma simples. Contudo, nas regiões com economias frágeis, muitas vezes não existem os equipamentos necessários, além de que grande parte da população não tem condições para pagar os tratamentos.

É neste contexto que surge a Fundação Olhos do Mundo, uma organização sem fins lucrativos, sediada em Barcelona, Espanha, que trabalha para levar os cuidados de saúde oftalmológica a quem mais precisa. A fundação nasceu em 2001, de uma visita ao acampamento de refugiados do Sara Ocidental na Argélia. Liderada por Rafael Ribó e Borja Corcóstegui, a comitiva integrava uma

equipa de médicos oftalmologistas; logo nessa viagem de seis dias, foram realizadas 200 consultas e 35 intervenções. A Olhos do Mundo seria oficialmente registada em Julho desse ano. Hoje, tem projectos a decorrer na Argélia (no acampamento de refugiados sarauis de Tindouf), em Moçambique e na Bolívia.

«Abre os olhos e vê»

As situações que levam aos problemas oculares são várias: desnutrição, higiene deficiente, saúde débil, condições climáticas adversas e traumatismos, muitas vezes, sofridos durante guerras. Contudo, os problemas de visão não são exclusivos das populações pobres. As cataratas, por exemplo, são uma doença comum; a diferença é que, nos países industrializados, a cura está disponível em qualquer serviço de saúde, público ou privado.

Assim, o trabalho desenvolvido pela Fundação Olhos do Mundo, com resultados mais imediatos, são as cirurgias, para corrigir anomalias como as cataratas, tracomas e glaucomas, entre outras. Por muito conformadas e adaptadas que estejam, a cegueira impede que as pessoas façam uma vida perfeitamente normal. Muitas vezes, não podem trabalhar nem cuidar da família. Depois da cirurgia, se tudo correr bem, os doentes recuperam a capacidade de ver, ou seja, em muitos casos, a capacidade de voltar a viver.

Mas a acção desta organização não se resume a ir aos



locais fazer tratamentos. Um dos pilares do trabalho da Olhos do Mundo é prestar formação aos profissionais dos países onde têm projectos a decorrer. Lurdana Gomes, médica oftalmologista portuguesa, é voluntária da organização e tem colaborado nas acções de formação desenvolvidas em Moçambique.

A médica conheceu a fundação durante um congresso da Sociedade Espanhola de Oftalmologia. «Sempre tive interesse nesse tipo de organizações. Quando conheci a fundação, propus-me a colaborar com eles. Enviei o meu currículo e fui convidada para participar numa acção de formação em Maputo, em 2005».

Nas suas acções, especializadas nas doenças da retina (membrana do olho onde se formam as imagens), Lurdana Gomes costuma incluir uma componente teórica e uma prática, em que acompanha os médicos que tratam os doentes. A oftalmologista sente que deixa obra feita, e que contribui para ajudar os profissionais de saúde moçambicanos, que «praticamente não têm meios para actuar junto dos doentes, têm dificuldade em aceder a livros e ir a congressos».

Ensinar a "pescar"

O objectivo da Fundação Olhos do Mundo não é sobrepor-se às autoridades de saúde locais, nem fazer um trabalho "estéril". Um exemplo disso é a parceria com

A organização assinou, em 2004, um acordo, renovado este ano, para avançar com os objectivos de desenvolvimento sanitário propostos pelo Governo de Moçambique



A Olhos do Mundo nasceu de uma visita ao campo de refugiados sarauis na Argélia



Lurdana Gomes é voluntária da Olhos do Mundo desde 2005

o Ministério da Saúde de Moçambique. No âmbito desta colaboração, a organização assinou, em 2004, um acordo, renovado este ano, para avançar com os objectivos de desenvolvimento sanitário propostos pelo Governo do país.

De acordo com Núria Ramon, Directora-Geral da fundação, o Plano Nacional de Oftalmologia de Moçambique, representa a «primeira vez em que há uma estratégia desenhada [no país], na qual a Olhos do Mundo participa». «Moçambique tem muitas possibilidades de futuro», comenta, acrescentado que, há dois anos, o país dedicou «uma parte dos fundos disponíveis à oftalmologia». Um passo importante, tendo em conta que há apenas 14 oftalmologistas no país, metade dos quais trabalha no Hospital Central de Maputo.

Mas, segundo Núria Ramon, «não foi fácil entrar». «Tivemos de conquistar a confiança das autoridades. Mas estas viram que a Olhos do Mundo tem vontade de seguir o processo e ajudá-las», explica.

Fazer muito com pouco

A acção da Olhos do Mundo é possibilitada, em grande parte, pelo trabalho voluntário disponibilizado por profissionais de saúde. «Todos os oftalmologistas, optometristas e instrumentistas são voluntários. A formação, o trabalho de essência dos projectos, são feitos por voluntários», explica a espanhola. Actualmente, a fundação conta com uma base de dados com mais de 600 voluntários.

Mas, regra geral, a boa vontade não é suficiente para possibilitar este tipo de trabalho, sendo necessário, por vezes, muito dinheiro. Assim, outra actividade essencial da fundação consiste nas campanhas de divulgação e sensibilização, bem como de angariação de fundos. Em 2006, a Olhos do Mundo contou com um orçamento de cerca de um milhão de euros, dos quais mais de setenta por cento foram canalizados para os projectos locais.

www.olhosdomundo.org

Este ano, a fundação dispõe de 1,3 milhões de euros. Os fundos da organização provêm, na sua maioria, de entidades privadas: instituições financeiras e empresas do sector oftalmológico, com as quais tem convénios. A Olhos do Mundo organiza também, anualmente, um se-rão de captação de fundos.

Segundo a Directora-Geral da organização, este ano, o evento será realizado em Portugal, com o apoio principal da Fundação Champalimaud e a ajuda da Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Millennium bcp, todas portuguesas. Terá lugar a 16 de Novembro, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, e contará com a presença de Marcelo Rebelo de Sousa, político e comentador televisivo português, e a fadista Mariza.

A "aposta" em Portugal é justificada, pela espanhola, com a relação privilegiada que o país mantém com as nações africanas de língua portuguesa. «Este ano, estamos interessados em dar a conhecer o que fazemos, em Moçambique, a Portugal».

Para Núria Ramon, o mais importante na fundação que gere é fazer ver ao mundo que «com pouco, pode-se fazer muito». «Em países como Moçambique, quando há problemas oculares, não podem ser solucionados. Mas, se forem ajudadas, as pessoas recuperam a visão e a capacidade de fazer algo, de trabalhar, de ver a família», defende. ■

TEXTO: PAULA MELO DOS SANTOS
FOTOS CEDIDAS POR FUNDAÇÃO OLHOS DO MUNDO



Núria Ramon gere a organização sediada em Barcelona, Espanha